

O quarto é o mundo de Jack e o terror da mãe

Emma Donoghue inspirou-se no caso Fritzl, o austríaco que manteve a filha prisioneira durante 24 anos e com quem teve seis filhos. O livro foi finalista do Man Booker Prize

● Fecho as cadeiras e ponho-as ao lado da Porta, encostadas ao Cavalo das Roupas que resmunga sempre e diz que já não há mais espaço, mas há muito se ele se endireitar. Também consigo ficar bem achatado mas não àquele ponto por causa dos meus músculos que estão vivos. A porta é feita de um metal brilhante e mágico, faz bip bip depois das 9, quando eu já tenho de estar fechado no Guarda-Fatos.

Hoje, a cara amarelada de Deus não está a entrar, a Mamã diz que está a ter dificuldades em abrir caminho através da neve.

- Qual neve?

- Olha - diz ela, apontando para cima.

Vê-se um bocadinho de luz no cimo da Claraboia mas o resto está escuro. A neve na televisão é branca, mas a verdadeira não, e isso é esquisito.

- Porque é que não nos cai em cima?

- Porque está lá fora.

- No Espaço Lá Fora? Quem me dera que fosse cá dentro para brincar com a neve.

- Ah, mas assim derretia porque aqui está agradável e quente. Começa a trautear e eu adivinho logo que é o "Let It Snow". Canto o segundo verso. Depois, passo ao "Winter Wonderland" e a Mamã junta-se a mim num tom mais alto.

Temos milhares de tarefas todas as manhãs, como regar a Planta com uma chávena de chá no Lavatório não vá entornar-se, depois voltamos a pô-la no pires em cima da Cômoda. A Planta vivia na Mesa, mas o rosto de Deus queimou-lhe uma folha que caiu. Ainda tem 9, são tão largas como a minha mão e estão cheias de pelos, como a Mamã diz que são os cães. Mas os cães só existem na televisão. Não gosto de 9. Dou com uma folhinha a nascer, e assim já faz 10.

A Aranha é verdadeira. Já a vi 2 vezes. Estou à procura dela, mas só vejo uma teia entre a perna da mesa e o tampo. A Mesa balança muito, é difícil, quando fico apoiado numa só perna consigo ficar assim muito tempo, mas acabo sempre por me desequilibrar. Não conto à Mamã acerca da Aranha. Ela varre as teias, diz que são porcaria mas, para mim, parecem-me prata superfina. A Mamã gosta dos animais que andam a correr de um lado para o outro e a comerem-se uns aos outros no planeta de vida selvagem, mas não gosta dos verdadeiros. Quando tinha 4 anos, estava a ver formigas avançarem num carreirinho pelo Fogão acima e ela veio a correr e esmagou-os todos para que não comessem a nossa comida. Num

minuto estavam vivos e no minuto seguinte não passavam de um monte de porcaria. Chorei tanto que os meus olhos quase derreteram. Noutra altura, havia uma coisa a meio da noite a fazer zum zum e a picar-me e a Mamã espalmou-o na Parede da Porta Abaixo da Prateleira, era um mosquito. Ainda lá está a marca na cortiça, ainda que ela se tenha fartado de esfregar, era o meu sangue que o mosquito estava a roubar, como um vampiro pequeninho. Foi a única vez que o meu sangue saiu de mim.

A Mamã toma o seu comprimido do pacote prateado que tem 28 navas espaciais prateadas e eu tomo vitaminas de um frasco com o rapaz a fazer o pino e ela toma o que vem no frasco grande com a imagem de uma mulher a jogar Tênis. As vitaminas são remédios para não adoecermos nem voltarmos já para o Céu. Eu não quero ir para lá nunca, não gosto de morrer, mas a Mamã diz que se calhar não faz mal quando tivermos 100 anos e estivermos fartos de brincar. Ela também toma um comprimido para as dores. Às vezes toma 2, nunca mais do que 2, pois algumas coisas fazem-nos bem, mas quando é de mais faz mal.

- É o Dente Podre? - pergunto-lhe.

Está na parte de cima, mesmo lá atrás na boca e é o que está pior.

A Mamã diz que sim.

- E se tomasse 2 comprimidos para as dores em todas as partes do dia?

Faz uma careta.

- Ficava agarrada.

- O que é...?

- Como se quisesse estar sempre agarrada a eles pois precisaria sempre de os tomar. Aliás, sou bem capaz de precisar deles cada vez mais.

- E que mal tem precisares deles?

- É difícil explicar.

A Mamã sabe tudo, tirando aquilo de que não se lembra bem ou quando às vezes diz que sou muito pequeno para me explicar uma coisa.

- Fico melhor dos dentes se parar de pensar neles - diz-me.

- Como assim?

- Chama-se domínio da mente.

Se não nos preocuparmos, não tem importância.

Quando me dói o que quer que seja, importo-me sempre. A Mamã massaja-me o ombro e, mesmo não me doendo, gosto da sensação.

Mesmo assim, não lhe conto da teia. É estranho ter uma coisa que é só minha e não da Mamã. Tudo o resto é dos dois. Quer-me parecer que o corpo é meu e também as ideias que surgem

na minha cabeça. Mas as minhas células são feitas das células dela, por isso sou como se fosse dela. Além disso, quando lhe digo o que me vai na cabeça e ela me conta o que está a pensar, as ideias de um saltam para a cabeça do outro, como lápis de cor azul por cima de amarelo que faz verde.

Às 08:30 carrego no botão da televisão e percorro os três. Dou com Dora, A Exploradora, lup! Muito devagar, a Mamã muda o Coelho de posição para melhorar a imagem com as orelhas e a cabeça.

Um dia, quando tinha 4 anos, a televisão foi-se e eu chorei, mas à noite, o Nick Mafarrico trouxe uma caixa mágica transformadora para trazer a televisão de volta à vida. Os outros canais a seguir aos 3 estão completamente desfocados por isso não os vemos pois fazem mal aos olhos, só se passaram música e então pomos o Cobertor por cima e ficamos a ouvir o que passa pelo cinzento e abanamos os rabiosques.

Hoje, levo os meus dedos à cabeça da Dora para lhe dar um abraço e conto-lhe acerca dos meus novos superpoderes agora que tenho 5 anos e ela sorri. Tem um cabelo enorme que parece um capacete castanho com pedaços espetados e recortados, é tão grande como o resto do corpo dela. Sento-me na Cama ao colo da Mamã para ver, remexendo-me até não lhe sentir os ossos salientes. Não tem muitas partes macias, mas as que são, são muito macias.

A Dora diz partes que não são numa língua a sério, são em inglês, como let's do it. Usa sempre uma

Mochila que tem mais dentro do que fora, com tudo o que a Dora precisa como escadas e fatos espaciais, coisas para dançar e jogar futebol, tocar flauta e viver aventuras com o Boots, o seu melhor amigo que é macaco. A Dora diz sempre que vai precisar da minha ajuda, por exemplo, se posso encontrar o objecto mágico e espera que eu responda: "Sim". Eu grito: "Atrás da palmeira" e a seta azul clica mesmo atrás da palmeira e ela diz: "Obrigada". Todas as outras pessoas da televisão não ouvem. O Mapa mostra sempre 3 lugares, temos de ir ao primeiro para ir para o segundo e depois para o terceiro. Vou com a Dora e o Boots, de mãos dadas, participo em todas as canções, especialmente com cambalhotas ou "dá cá mais cinco" ou na Dança da Galinha Louca. Temos de estar atentos à matreira Swiper, gritamos 3 vezes: "Swiper, no swiping" até ela ficar toda aborrecida e queixar-se: "Oh, man!" para logo fugir dali. Uma vez, a Swiper construiu uma borboleta robô comandada por controlo remoto, mas correu mal e tirou-lhe a máscara e as luvas e isso foi hilariante. Às vezes, apanhamos estrelas e pomos-las no bolso da Mochila, por mim escolhia a Estrela Barulhenta que acorda tudo e todos e a Estrela Troca-Troca que assume todas as formas possíveis e imaginárias.

Os outros planetas têm sobretudo pessoas às centenas que cabem no ecrã, só que às vezes ficam enormes e muito próximas. Tem roupas em vez de pele, os rostos são rosados ou amarelados ou acastanhados ou com tufo ou cabelos, têm bocas muito vermelhas e olhos enormes escuros à volta. Riem-se e gritam muito. Adorava estar sempre a ver televisão, mas isso pode apodrecer-nos o cérebro. Antes de eu descer do Céu, a Mamã deixava-a ligada o dia todo até que se transformou num zombie, que é como um fantasma mas que a andar faz tump tump. Por isso, agora ela desliga-a sempre no fim de um episódio para que as células voltem a multiplicar-se durante o dia e depois podemos voltar a ver outro programa a seguir ao jantar e o cérebro volta a crescer durante a noite.

- Só mais um, porque faço anos? Vá lá.

A Mamã abre a boca, para logo a fechar. Depois diz:

- Porque não?

Tira o som aos anúncios porque nos transformam o cérebro em papa ainda mais depressa até nos escorrer pelas orelhas.

Fico a ver os brinquedos, vejo um maravilhoso camião e um trampolim e Bionicles. Dois rapazes lutam com Transformers na mão mas como amigos e não como mauzões.

É então que começam os desenhos animados, é o SpongeBob SquarePants. Corro para lhe tocar e à estrela-do-mar Patrick, mas não no Squidward, que é horrível. É uma história assustadora sobre um lápis gigante que vejo através dos dedos da Mamã que têm todos o dobro do tamanho dos meus.

Nada assusta a Mamã. A não ser, talvez, o Nick Mafarrico. Ela

chama-lhe quase sempre ele, nem sequer sabia como se chamava até ver uns desenhos animados sobre um homem que só aparece à noite e se chama Nick Mafarrico. Chamo isso ao verdadeiro porque ele só vem à noite, mas não se parece com o tal da televisão que tinha barba e chifres e assim. Uma vez, perguntei à Mamã se era velho e ela respondeu que tem quase o dobro da idade dela, o que quer dizer que é muito velho.

Ela levanta-se e desliga a televisão assim que aparece o genérico.

O meu chichi é amarelo por causa das vitaminas. Sento-me para fazer cocô e digo:

- Adeusinho, vai para o mar. Depois de puxar o autoclismo fico a ver o autoclismo encher e fazer blublu gluglu rrrru. Depois lavo as mãos e esfrego tanto que parece que a pele me vai saltar, é assim que fico a saber que as lavei como deve ser.

- Há uma teia debaixo da Mesa - digo, sem saber que o ia fazer.

- É da Aranha, é verdadeira. Já a vi 2 vezes.

A Mamã sorri, mas não é bem um sorriso.

- Não a tires, por favor. É que ela nem está lá, mas pode voltar.

A Mamã ajoelha-se para ver debaixo da Mesa. Não lhe consigo ver a cara até ela prender o cabelo atrás da orelha.

- Fazemos assim: deixo-a ali até fazermos a limpeza, está bem?

Isso é na terça-feira, faltam 3 dias.

- Está bem.

- Sabes que mais? - Põe-se em pé. - Temos de marcar a tua altura, agora que já tens 5 anos.

Dou saltos no ar.

Normalmente, não tenho autorização para riscar seja em que parte do Quarto for, nem nos móveis. Aos 2 anos, rabisquei a perna da Cama, a que fica mais perto do Guarda-Fatos, por isso, sempre que fazemos limpeza, a Mamã aponta para o rabisco e diz: "Estás a ver? Temos de viver com isto para sempre." (...)



O Quarto de Jack

Autor **Emma Donoghue**

Editora **Porto Editora**

Nº Págs **333**

Preço **16.60 €**